



**V CONGRESSO INTERNACIONAL DE POLÍTICA SOCIAL E SERVIÇO SOCIAL:
DESAFIOS CONTEMPORÂNEOS
VI SEMINÁRIO NACIONAL DE TERRITÓRIO E GESTÃO DE POLÍTICAS SOCIAIS
V CONGRESSO DE DIREITO À CIDADE E JUSTIÇA AMBIENTAL**

(Eixo Ordem Patriarcal de Gênero e relações Sociais de Sexo)

**(Des)construção das masculinidades e o trabalho
interdisciplinar no Centro de Referência em Assistência Social
- CRAS Sul A - na cidade de Londrina**

Matheus Akins da Rocha¹
Carlos Roberto de Oliveira²
Roberth Miniguine Tavanti³
Rita Márcia Aragão⁴

Resumo: O presente artigo apresenta um relato de experiência sobre um trabalho com um grupo de homens usuários da Política Pública de Assistência Social em Londrina. Para tanto, partimos do referencial teórico-metodológico do materialismo histórico-dialético e do uso das rodas de conversa como ferramenta de intervenção psicossocial. No item procedimentos, apresentamos a proposta de trabalho e as estratégias metodológicas utilizadas. No item resultados e discussão, descrevemos os encontros realizados com os homens e refletimos sobre os temas debatidos pelos participantes. Por fim, identificamos os desafios e as contribuições deste trabalho para a atuação dos profissionais no âmbito do SUAS.

Palavras-chave: grupo; masculinidade; CRAS; PAIF; Assistência Social;

Abstract: This article presents an experience report on work with a group of men using the Public Social Assistance Policy in Londrina. For that, we start from the theoretical-methodological framework of historical-dialectical materialism and the use of conversation circles as a psychosocial intervention tool. In the procedure section, we present the work proposal and the methodological strategies used. In the results and discussion section, we describe the meetings held with men and reflect on the topics debated by the participants. Finally, we identify the challenges and contributions of this work to the performance of professionals within the scope of SUAS.

Keywords: group; masculinity; CRAS; PAIF; Social assistance;

¹ Psicólogo, recém formado no curso de psicologia da Universidade Estadual de Londrina (UEL). Durante os anos de 2022-23 realizou estágio curricular obrigatório no CRA SUL A, E-mail: akins7000@gmail.com

² Assistente Social da Prefeitura Municipal de Londrina - CRAS SUL A, Mestre em Serviço Social e Política Social pelo Programa de Pós-Graduação em Serviço Social e Política Social, da Universidade Estadual de Londrina (UEL). E-mail: carloprofessor2015@gmail.com.

³ Psicólogo. Professor da Universidade Estadual de Londrina (UEL) do Departamento de Psicologia Social e Institucional (PSI). Doutor em Psicologia Social. E-mail: roberth.tavanti@uel.br

⁴ Psicóloga, Promotora de Saúde Pública da Prefeitura Municipal de Londrina - CRAS Sul A. Pós-graduação em Psicoterapia na Análise do Comportamento pela Universidade Estadual de Londrina e em Trabalho Social e Assistência às Famílias pela Universidade Norte do Paraná (Unopar). E-mail: ritaaragao1974@gmail.com



1. INTRODUÇÃO

No ano de 2023, os profissionais do Centro de Referência de Assistência Social da região Sul A, do município de Londrina, identificaram, em levantamento de dados realizado na unidade, um número significativo de atendimentos destinados a mulheres vítimas de violência. Além disso, outro dado que chamou a atenção da equipe multiprofissional foi o aumento dos atendimentos com usuários do sexo masculino. Tendo em vista os dados levantados, os/as profissionais da unidade chegaram à conclusão de que poderia ser construído ali algum tipo de atendimento mais específico para homens (agressores ou não). Ou seja, para além do acompanhamento das mulheres vítimas da violência e articulação com a rede de proteção do município, poderia, nesta situação, ser elaborado e implementado na Proteção Social Básica, uma nova modalidade de trabalho com grupos de homens moradores desses territórios. Tal atividade de caráter preventivo às situações de violência de gênero, estaria também destinada à construção e manutenção de um espaço de escuta, fala e acolhimento para homens usuários do CRAS Sul A.

Sendo assim, apresentamos neste artigo, um relato de experiência de estágio e de atuação profissional decorrentes de um trabalho realizado com um grupo de homens referenciados pela Política Pública de Assistência Social em Londrina, na região de abrangência do CRAS Sul A. Vale dizer que os encontros realizados na modalidade das rodas de conversa (AFONSO; ABADE, 2008), inscrevem-se no âmbito da Proteção Social Básica, conforme proposto pelo Serviço de Proteção e Atendimento Integral à Família (PAIF), em uma perspectiva preventiva e de fortalecimento de vínculos.

Nos itens a seguir, apresentamos o nosso referencial teórico-metodológico e descrevemos o processo de construção da proposta do trabalho de intervenção psicossocial com grupo de homens, delineando os objetivos e temas de interesse, bem como identificamos as estratégias utilizadas para a sensibilização, mobilização e participação deste público-alvo nos encontros realizados em 2023. No item resultados e discussão identificamos cada um dos encontros, apresentando os temas discutidos nas rodas de conversa e as reflexões levantadas a partir do trabalho interdisciplinar, e, por fim, tecemos considerações acerca do trabalho realizado, destacando os desafios encontrados pela equipe multiprofissional, bem como as experiências positivas compartilhadas.

2. DESENVOLVIMENTO



2.1 As Políticas Públicas de Assistência Social e o trabalho de intervenção psicossocial

De acordo com Afonso e Fadul (2015), a Política Nacional de Assistência Social (PNAS) foi promulgada em 2004, a partir da Constituição Federal de 1988 e da Lei Orgânica da Assistência Social de 1993, como parte integrante do sistema que busca garantir a proteção social, juntamente a outras políticas públicas buscando promover o acesso aos direitos de cidadania, através da articulação e do trabalho em rede em uma perspectiva intersetorial e territorializada no campo das políticas públicas.

As seguranças afiançadas pela PNAS (acolhida, convívio familiar e comunitário, renda, desenvolvimento de autonomia e sobrevivência a riscos), devem nortear o trabalho desenvolvido, e o Serviço de Proteção e Atendimento Integral à família (PAIF) surge como o principal recurso do CRAS no âmbito da proteção social básica.

O PAIF tem como objetivo fortalecer a função protetiva da família, promover o acesso e usufruto de direitos sociais e da melhoria da qualidade de vida; prevenir a ruptura dos vínculos familiares e comunitários, possibilitando a superação das situações de fragilidade social, e mais, promover aquisições sociais e materiais às famílias, potencializando o protagonismo e a autonomia das famílias e comunidades (BRASIL, 2012). Para alcançar esses objetivos, propõe-se o desenvolvimento de ações e práticas tais como: acolhida particularizada e coletiva, atendimentos e acompanhamentos particularizados, oficinas com famílias e grupos, acompanhamento em grupos, ações comunitárias e encaminhamentos; tais atividades podem e devem ser realizadas de forma articulada com outros serviços socioassistenciais e outras políticas em uma perspectiva intersetorial, e de forma interdisciplinar, considerando assim a complexidade das questões sociais.

Segundo o Caderno de Orientações Sobre o PAIF, vol. 2, o trabalho social com famílias deve ser uma prática apoiada em saberes científicos e para ser efetiva se faz necessário o “desenvolvimento de uma prática interdisciplinar entre os profissionais que compõem a equipe de referência do CRAS: **assistentes sociais e psicólogos**” (grifo nosso) (BRASIL,2012,p.13); e quanto a condução das oficinas com famílias, o referido documento sugere que elas sejam “conduzidas por dois técnicos de nível superior da equipe de referência do CRAS, de diferentes formações acadêmicas (assistente social e psicólogo, por exemplo)”, pois a compreensão dos fenômenos complexos, bem como as ações de intervenção psicossociais exigem práticas diversificadas, construídas em uma perspectiva interdisciplinar, o que por sua vez possibilita não só uma análise dos fenômenos sob diversos referenciais teóricos, como também permitem a utilização de metodologias



participativas com ênfase na produção de conhecimento e mobilização de estratégias voltadas à intervenção psicossocial com grupos (ALONSO; FADUL, 2015).

Considerando os apontamentos de Afonso e Fadul (2015) acerca da participação como princípio da PNAS, e que o trabalho com as famílias devem ser planejados conforme as necessidades percebidas pela equipe técnica, e também pela participação dos usuários, entende-se que “as metodologias participativas têm o potencial de facilitar a escuta da demanda dos usuários e a construção de ações (setoriais e intersetoriais) para responder a essa demanda. Podem colaborar com a formação para a cidadania, fortalecendo a capacidade dos atores sociais para atuar em seu contexto de vida”.

2.2 Referencial Teórico-Metodológico

O surgimento do proletariado moderno no final do século XVIII e início do século XIX, o aumento das desigualdades sociais, a precariedade das condições de trabalho, a exploração de crianças, mulheres e jovens, ou seja, a realidade concreta vivenciada por esses trabalhadores, passaram a ser “objetos de críticas por um conjunto de pensadores” (SIQUEIRA; S. M. e PEREIRA, F., 2019, p. 37). Conforme as considerações do pensador Karl Marx, que trouxe o trabalho como categoria central das relações humanas e a mais valia como combustível do sistema capitalista, pondo o materialismo, a história e a dialética como a base “real da vida humana”, isto é:

a produção das condições materiais de existência condiciona a forma como os indivíduos interpretam, pensam, conhecem e compreendem a natureza e as relações ao seu redor... o modo de produção capitalista, baseado na exploração do trabalho assalariado e na extração da mais valia (sobretalho, trabalho excedente) é o fundamento de toda a vida social (SIQUEIRA; PEREIRA, 2019, p.39-41).

Marx fundiu o materialismo histórico e a dialética, incorporou os conhecimentos acumulados pela humanidade, rompeu com as concepções de sociedade e de história de base idealistas, partindo da premissa de que as leis não são eternas, imutáveis e a materialidade histórica e social, torna-se guia para a compreensão dos processos históricos e as diferentes questões sociais produzidas em sociedade historicamente datadas, visando assim a sua transformação (SIQUEIRA; PEREIRA, 2019).

O materialismo histórico dialético tira o indivíduo do centro e traz as relações entre os homens como centro de toda a reflexão, relação essa que se dá mediada pela categoria trabalho. Mostra que o capitalismo gera e aumenta a desigualdade social entre



indivíduos num mesmo país e entres os diferentes países e favorece a criação de monopólios que transcendem os Estados Nacionais. (LENIN, 1988).

Para Lênin (1988) o trabalhador deve instruir-se, deve educar-se travando a sua luta de classe, devem libertar-se dos preconceitos da sociedade burguesa, adquirindo maior coesão, reorganizado suas forças, assim o patriarcado, a desigualdade de gênero e a masculinidade tóxica presente na sociedade contemporânea, vem a afastar os trabalhadores e trabalhadoras. Deste modo, os trabalhadores continuarão ingênuos, sendo manipulados, enquanto não tiverem apreendido, que por trás das frases, das declarações e das promessas morais, religiosas, políticas e sociais, do patriarcado, do machismo, estarão presentes os interesses de classe.

Segundo Marcondes e Toledo (2012), com base em Gadotti (1991), Gadotti (1991), Setúbal (1991), Konder (1981), Paula (1992) e Pontes (1989), para analisar uma expressão social, no caso desse artigo a masculinidade tóxica, à luz do materialismo histórico se faz necessário considerar alguns instrumentos que o caracteriza, que são cinco princípios e três categorias. Esses instrumentos não devem ser utilizados de forma rígida, mas como alternativas de melhor apreensão do dinamismo do objeto investigado, sendo compreendidas de forma indissociável com o “contexto do qual faz parte e sempre integradas a outros fatores”. (MARCONDES; TOLEDO, 2012, p. 74-76).

O primeiro princípio é que tudo se relaciona. O pesquisador não deve considerar de forma isolada as ideias, os fatos, os fenômenos, o contexto, o comportamento humano, as instituições, etc. Nada adquire vida própria, tudo está em relacionamento direta ou indiretamente, com o presente e passado. O segundo é o princípio da ação recíproca, devendo o objeto pesquisado ser analisado dentro de uma conjuntura maior, fazer a transição do particular para o universal e do universal para o particular. Ao levar em consideração a relação de reciprocidade e influência recíproca, indivíduo-sociedade, individual-coletivo, parte-todo, proletariado-burguesia, Estado-mercado, Capital-trabalho, se constata uma realidade dinâmica, contraditória, não estanque, não determinista, em constante movimento. O terceiro considera que tudo se transforma, concebe a história como um processo temporal, não morta, onde todas as coisas estão em mobilidade, se transformando e se desenvolvendo de forma dialética. Assim nada é definitivo, o conhecimento não é absoluto, estático, mas tudo é movimento. Os homens ao satisfazerem suas necessidades modificam o meio que vivem e se modificam, conseqüentemente a realidade está em contínua mudança e tudo que se encontra em seu interior é passível de mudança, nada é permanente, entende que a realidade tem a possibilidade de vir a ser, pois nunca estará acabada. O quarto se refere à unidade e lutas de contrários, defende que a contradição interna e externa gera movimento e desenvolvimento, porém a força nova que surge e que é criadora se desenvolve no interior das velhas estruturas. O quinto e último



princípio compreende a transformação da quantidade em qualidade. Todas as mudanças possuem o mesmo valor, ocorrendo “por meio de pequenas mudanças quantitativas” que vão se somando ao longo do tempo. Os “períodos de aceleração dão origem a alterações qualitativas”. Conforme os autores (MARCONDES; TOLEDO, 2012) “não é possível separar a quantidade da qualidade (p. 77)”. Portanto, a modificação do todo pode ocorrer a partir de alterações setoriais quantitativas, até que se alcança um ponto crítico que assinala a transformação qualitativa da totalidade.

Dentre as categorias de análise do materialismo histórico estão: a totalidade, a mediação e a contradição, devendo ser interligadas e não segmentadas durante o processo de investigação científica. A categoria da totalidade permite desvendar o que pode estar por trás na aparência das coisas; considera os fatos, as expressões sociais como parte de um todo; a definição de totalidade não é mera somatória das partes e a ação humana se encontra dentro de um processo de totalização, que “nunca alcança a etapa definitiva e acabada”. Os homens em seu cotidiano defrontam com situações, problemas interligados e ao serem analisados os fenômenos se deve buscar o todo, “uma visão de conjunto”, que por sua vez se apresentará de forma provisória, pois a “realidade é mais rica do que o conhecimento que se tem dela” podemos encontrar “totalidades mais abrangentes e menos abrangentes”, o que definirá será “o nível de generalização do pensamento e dos objetivos concretos do pesquisador”. (MARCONDES; TOLEDO, 2012, p. 77-78).

A categoria da mediação busca superar as aparências, permitindo que se busque a essência, diluindo “o espaço existente entre fenômeno aparência e essência”, articulando a passagem entre o singular para o universal e vice-versa. O pesquisador buscará o mediato, “aquilo que não se vê”, “aquilo que está por trás”, estabelecendo a relação entre essas duas dimensões: imediato e mediato, que se “interpenetram” e se concretizam dentro de uma unidade. A realidade, os objetos, apresentam uma dimensão imediata, a qual deparamos no primeiro contato e a mediata a qual “vai se descobrindo, construindo e reconstruindo” (MARCONDES; TOLEDO, 2012, p. 78-79).

A categoria da contradição apresenta três conceitos que se relacionam dialeticamente que são a tese, a antítese e a síntese, que irá constituir uma nova tese diferente da primeira. A tese é uma ideia, uma hipótese, um ponto de partida a ser investigado; a partir da tese se produz a antítese, que é a primeira negação, de não aceitação e não aceitação da hipótese (ideia preconcebida) e a síntese é a segunda negação onde busca a compreensão. A categoria da contradição, mostra que tudo está inacabado, um movimento de negação, constante, que leva a novas verdades que coloca a humanidade em movimento. Mostra que a sociedade, o conhecimento humano, está em constante movimento, de superação e substituição, fazendo com que a humanidade caminhe e se transforme (MARCONDES; TOLEDO, 2012, p. 78-79).



Em síntese, o materialismo histórico dialético é a teoria mais adequada para refletir de forma mais precisa o capitalismo (FRIGOTTO,2010) e suas artimanhas, pois permite trazer o trabalhador no centro do debate, tendo o trabalho como categoria fundante, "um método de compreensão e análise da história, das lutas e das evoluções econômicas", por meio da mesma podemos ver que o "modo de produção da vida material condiciona o conjunto da vida social, política e espiritual" (ALVES, 2010, p. 3).

Segundo Bakhtin-Volochinov, (1988) apud David(2017) a palavra é o fenômeno ideológico por excelência, modo mais puro e sensível de relação social, ligada às condições histórico-ideológicas de classes na sociedade, a palavra é a ponte por onde transitam significações. A lógica da consciência é a lógica da comunicação ideológica, da interação semiótica de um grupo social. Se nós privamos a consciência de seu conteúdo semiótico e ideológico, não sobra nada.

2.3 Procedimentos

Num primeiro momento, para a construção do projeto de intervenção psicossocial voltado ao atendimento com grupos de homens usuários do CRAS sul A, foi realizado um levantamento de dados junto ao Portal de Informatização da Rede de Serviços socioassistenciais (IRSAS⁵), com intuito de conhecer o perfil dos homens - moradores - desta região da cidade. Na realização deste levantamento foram utilizados como filtros de busca no IRSAS: nome, idade (acima de 18 anos), grau de escolaridade, ocupação, estado civil, número de filhos e uso dos serviços da rede socioassistencial. Feito isso, a análise dos números indicou que o perfil dos homens desta região constituía-se em sua maioria por homens jovens, negros (pretos e pardos), com baixa escolaridade, altas taxas de desemprego e em grande parte com companheira e filhos no cadastro único.

No segundo momento foram realizados contatos com os participantes, através de diferentes estratégias, tais como: contatos telefônicos, convites realizados durante os atendimentos individualizados, nas situações de visitas domiciliares e envio do convite semanal das datas pelo WhatsApp para todos que estão cadastrados no telefone do CRAS. Como a proposta não era um grupo fechado, as estratégias aqui apresentadas ocorreram durante todos os meses que foram executados os encontros deste grupo, ocorrendo inclusive a participação de homens, que procuraram o CRAS no dia desta atividade e acabaram por aceitar o convite feito pelos profissionais da recepção.

⁵ IRSAS é um sistema informatizado da Rede de Serviços Socioassistenciais do município de Londrina, que é utilizado pelos profissionais para registrar os atendimentos realizados, solicitar benefícios e levantar dados para monitoramento territorial da Política Municipal de Assistência Social de Londrina. Os dados aqui apresentados foram frutos de levantamento do profissional, assistente social que atua no CRAS SUL A. Mais informações sobre o IRSAS consulte: <https://portal.londrina.pr.gov.br/menu-oculto-assistencia/irsas>



No processo de construção desta proposta articulada pelos profissionais do CRAS (assistente social e psicóloga - autores 2 e 4) com a ajuda de um estagiário de psicologia (autor 1) e seu supervisor de estágio (autor 3), decidiu-se que a mediação das rodas de conversa deveriam ser realizada pelo assistente social e pelo estagiário de psicologia, isto porque ao se identificarem como homens do sexo masculino, apostou-se, na possibilidade de que tais sujeitos-participantes pudessem se identificar com o profissional e estagiário durante os processos de adesão e permanência das atividades propostas.

Nas Rodas de Conversa, partimos de conhecimentos já construídos para motivar novos processos de compreensão da realidade e co-construção dos sentidos compartilhados entre os/as participantes. Conforme Afonso e Abade (2008): para compreender o mundo, é preciso nos apropriarmos dos significados e sentidos atribuídos pelas pessoas e, a partir deles, construir coletivamente a nossa própria resposta diante os diversos problemas que somos chamados a enfrentar cotidianamente.

Portanto, enquanto uma metodologia participativa utilizada no trabalho em grupo com homens usuários do CRAS sul A, no âmbito da Política Pública de Assistência Social, as rodas de conversa constituem-se como uma prática de intervenção psicossocial na qual os conteúdos em debate foram propostos e estruturados a partir das questões levantadas pelos próprios participantes, e mais do que isso, as possibilidades de interpretação da realidade e as reflexões colocadas em debate também foram negociadas, conforme os interesses e articulações dos próprios sujeitos-participantes nas conversas.

Conforme Afonso e Abade (2008, p. 24):

Às vezes, as pessoas se sentem intimidadas pelo fato de terem um vocabulário diferente, de não terem educação formal, de abordar determinados temas, de revelar experiências sofridas, de expressarem opiniões e assim por diante. [...] alguns contextos impõem dificuldades à reflexão, as situações de sofrimento ou de exclusão social são exemplos. Quando alguém consegue, apesar de tudo, refletir nestes contextos, via de regra traz ótimas contribuições para a compreensão do próprio ser humano.

Foram realizados 6 (seis) encontros, todos na sede do CRAS Sul A, este que divide com a Biblioteca Eugênia Monfranatti alguns dos espaços destinados ao trabalho com grupos e/ou comunidades. Com uma periodicidade quinzenal e apostando no modelo de roda de conversa proposta por Afonso e Abade (2018), o grupo com homens usuários do CRAS se manteve ao longo dos meses como um espaço aberto, dialógico e tendo na figura dos mediadores (autores 1 e 2), a coordenação das atividades previamente elaboradas para o início das discussões coletivas. Vários foram os temas conversados durante os encontros, um deles podemos destacar como, por exemplo, a questão do desemprego e/ou trabalho. Isto porque para além da conversa disparadora durante o primeiro encontro do grupo sobre a situação do desemprego, que atinge muitos homens moradores daquela região da cidade,



durante outros encontros, pudemos contar a colaboração de profissionais de outros serviços do município como da Economia Solidária e do Sistema Nacional de Empregos - SINE.

Em síntese, os encontros deste grupo com homens usuários do CRAS sul A tiveram como objetivo principal fomentar as conversas e promover um espaço coletivo de reflexão sobre masculinidade(s) presentes em nossa sociedade e como elas impactam em nossas relações sociais cotidianas. Relações essas constituídas entre homens e homens, bem como entre homens adultos e seus filhos/as, homens adultos e homens idosos, homens e mulheres, homens e pessoas trans (não binárias), etc. Como tema disparador, conforme mencionado no parágrafo acima, escolhemos o “mundo do trabalho” e o desemprego, criando, desse modo, um espaço de escuta, fala e acolhimento para os homens usuários do CRAS e/ou, cujos familiares são acompanhados pelos serviços ali desenvolvidos.

Dito de outro modo, busca-se com essa proposta de intervenção psicossocial fomentar a construção e a manutenção de espaços colaborativos entre homens, com vistas à oportunizar momentos de reflexão e análise crítica da realidade, sobretudo, acerca dos padrões sociais e atitudes naturalizadas e/ou normalizadas como “masculinas” em nossa sociedade. Com isso intentamos prevenir novas situações de violência contra as mulheres e familiares e, ir além, no sentido de reduzir os efeitos negativos dos processos de sociabilidade pautados em uma lógica de “masculinidade tóxica” e que são “naturalizados” e estão “enraizados” em nosso modelo de sociedade (DA SILVA; DE JESUS,2020).

3. RESULTADOS

O território de abrangência do CRAS Sul A é dividido em quatro microterritórios: microterritório I (Santa Joana, Parque Campos Elíseos, Jardim União da Vitória II e Ocupação União da Vitória II); microterritório II (Jardim Nova Esperança, Jardim União da Vitória IV, Jardim União da Vitória VI, Ocupação Jardim Nova Esperança, Ocupação União 4 e Ocupação União da Vitória 6); microterritório III (Jardim Cristal, Jardim União da Vitória E, Vila Monster, Jardim Maravilha, Ocupação do Cristal, Ocupação Jardim Maravilha/Vila Monster e Ocupação Sítio do Pica Pau Amarelo); e, microterritório IV (Jardim União da Vitória III, Jardim União da Vitória V, Conjunto Habitacional Jamile Dequech, Ocupação 445, Ocupação União da Vitória 3 e Ocupação União da Vitória 5).

Nesse sentido, os profissionais responsáveis pela mediação dos grupos avaliaram que, inicialmente, seria importante desenvolver um projeto piloto envolvendo todos os territórios para futuramente pensar na oferta por microterritórios. Sendo assim, como os encontros em grupo eram abertos, a cada nova roda de conversa, o primeiro



momento era de apresentação dos participantes. Na sequência era feito um resgate das conversas da roda anterior, dando a abertura para que todos apresentassem suas percepções, de modo a situar os novos participantes e entrar na atividade planejada no dia.

No dia do primeiro encontro estava chovendo muito, e mesmo assim pudemos contar com a presença de três homens para o grupo, o que em nossa avaliação por si só já foi algo bem positivo num primeiro momento. Pensando na roda de conversa propriamente dita, os participantes começaram bem quietos, prestando atenção no que era dito, tentando entender o que aconteceria ali de fato, isso já era esperado. Então, iniciamos com uma dinâmica de apresentação onde cada um devia falar seu nome, idade, o bairro em que morava e falar sobre uma característica sobre si mesmo e qual era a expectativa sobre o trabalho junto ao grupo. Após esse momento de reconhecimento dos participantes foram utilizadas perguntas disparadoras: "O que é ser homem nos dias de hoje?", "Qual é o papel do homem na família?" e, "Quais foram suas referências masculinas em sua vida?".

A partir destas provocações os temas fluíram de maneira quase que automática no relato destes homens, a temática do trabalho foi de fato a base como esperávamos, mas também surgiram discussões sobre cuidado com os filhos, relação com os pais, papel social do homem, papel social da mulher, pai como cuidador, parceria entre um casal, lazer com a família e dependência de familiares, silenciamento e invisibilidade para a família e sociedade, discriminação e preconceitos.

Para o segundo encontro, contamos com a participação da educadora social Bru, que idealizou e preparou duas dinâmicas, uma de apresentação e outra que nos ajudou a conduzir a conversa durante a roda. A dinâmica de apresentação consistia em apresentar-se com o nome e uma qualidade que começasse com a letra inicial de seu nome. (por exemplo: Roberto, risonho; Felipe, feliz). Esse momento foi muito proveitoso, o grupo sorriu, conversou sobre diversos assuntos, o que deixou o ambiente leve e fez com que os participantes ficassem mais à vontade para a sequência do encontro.

Para a realização da atividade principal, a educadora Bru desenhou uma árvore com raízes, tronco e copa numa cartolina. Na sequência, os participantes pensaram e escreveram frases com informações, valores e costumes que cada um teve contato na infância, frases estas que representavam as raízes da árvore. Para preencher o tronco com frases e palavras, levou-se em consideração em que lugares se tem contato com essas frases, quem nos ensina, como essa informação é passada e recebida. Por fim, para a copa da árvore, consideramos as frases e palavras que apareceram na raiz e tronco, para pensarmos como os homens se comportam sendo criados sob essas orientações.

Durante a construção da árvore, muitas falas foram se complementando seguindo um mesmo caminho, cada um dentro de uma realidade e perspectiva própria, porém na mesma lógica, o que facilitou no manejo do ritmo da conversa. Tanto os temas



quanto as discussões e opiniões pessoais de cada um, contribuíram para que todos se sentissem confortáveis para compartilhar opiniões e experiências próprias. Neste segundo encontro foi muito agradável, gerou emoção e reflexão nos participantes e também nos deixou satisfeitos no sentido de saber que o planejamento estava caminhando como o esperado.

Para o terceiro encontro do grupo, o planejamento foi feito em torno do documentário do YouTube: " O Silêncio dos Homens". Foram selecionadas algumas partes do vídeo mais alinhadas com o que o grupo conversou e discutiu nos encontros anteriores para retomar e potencializar a discussão. Os trechos do documentário traziam à tona temáticas como relação entre pais e filhos, violência doméstica, uso de álcool e outras drogas, suicídio, violência entre homens, relação do homem com o trabalho, racismo, homofobia e cuidado parental. Após o documentário, iniciamos a conversa sobre as impressões gerais a respeito do documentário e perguntamos sobre algum ponto que gostariam de destacar, de imediato, surgiram relatos num sentido de identificação por ter vivido alguma situação parecida ou muito próxima do que foi contada no vídeo, com isso a conversa foi tomando forma e todos participaram de maneira ativa nas conversas, gerando debate e exposição de opiniões e de experiências pessoais. Na reta final, pedimos para que os participantes resumissem o encontro em uma palavra ou frase. Alguns exemplos que pudemos registrar das respostas: "Cheguei de um jeito e vou voltar de outro", "me senti bem falando ...", "Descoberta", "Me sinto bem" e "Orientação".

No quarto encontro contamos com o apoio do profissional representante da Economia Solidária do município de Londrina, o Eduardo. Começamos o encontro com uma apresentação simples de cada um, na sequência ele apresentou o projeto da Economia Solidária: o que é? O que faz? Onde estão? Quem é o público? E qual a finalidade? Após a explanação do nosso convidado, algumas dúvidas surgiram e foram sanadas, possibilidades de cursos e ações que se encaixassem no projeto também foram levantadas.

O quinto encontro marcou um recorde de participantes, 6 no total, 2 desses homens vieram ao CRAS tratar de outras questões e foram convidados pelo profissional da recepção - Eric -, que sabendo do grupo fez o convite e fez com que eles se juntassem ao grupo. O planejamento para o encontro foi o de usar novamente a "dinâmica da árvore", fazendo algumas alterações na sua forma de aplicação, esta alteração basicamente consistiu em não usar uma "árvore" como base, ao invés disso, deixamos livres, utilizando apenas uma cartolina e tarjetas colantes onde os participantes pudessem escrever. O interessante desta dinâmica é que mesmo quem não escreve, participa, sendo contando alguma experiência ou como ouvinte mesmo, validando a fala dos outros, julgamos que esse momento fortaleceu o vínculo entre os participantes e sinalizou possibilidades para um processo de colaboração entre todos os envolvidos (participantes e mediadores). Vários



outros assuntos foram discutidos ao longo desta dinâmica, mas os destaques ficaram por conta das reflexões sobre o papel do homem e sua responsabilidade com o trabalho desde cedo e a relação com a figura paterna caracterizada por uma rigidez e com muitos efeitos sobre o impacto que isso traz para a saúde mental. Outros pontos trabalhados foram o consumo de álcool e outras drogas, envolvimento com crime, as experiências de viver em situação de rua e o relacionamento e a convivência com os/as familiares.

No sexto e último encontro, foi realizada uma parceria com a Secretaria Municipal do Trabalho, Emprego e Renda de Londrina, com a participação do servidor público Rogério, que atua no SINE. O profissional convidado discorreu um pouco sobre os serviços oferecidos à população pelo setor em nosso município, além de sanar as dúvidas.

No desenrolar dos encontros, ao tratarmos a relação do homem com o seu trabalho, aspectos físicos eram pontuados quase que instantaneamente pelos participantes, porém com o desenrolar das discussões sobre o tema ficou evidente que o impacto em suas vidas vai muito além da dimensão “física”. Ou seja, três dentre os participantes vivenciam a realidade do desemprego no dia a dia, e colocaram-se à disposição para compartilhar um pouco da sua experiência com essa situação. Todos estes perderam o emprego por conta de acidentes que tiraram sua condição plena de trabalho, vale ressaltar que dois deles ainda estavam com dificuldades para concluir seu processo de aposentadoria por invalidez, isso que por si só, já gera mais um desgaste na vida destes homens.

No que diz respeito aos relatos, a angústia com que falavam tomava conta do grupo, e todos se sensibilizaram com a profundidade com que as histórias eram contadas. Vivenciar momentos de escuta e de troca de experiências coletivamente nos mostra que o grupo conseguiu se tornar um lugar acolhedor e confortável para os participantes, e mais, as rodas de conversa foram capazes de proporcionar um espaço para que estes homens se expressassem de maneira espontânea e sincera. Conforme a fala de um dos participantes em um momento de finalização do encontro: "eu tirei um peso das minhas costas ", isto se deve segundo ele “pelo simples fato de conversar”, e assim, poder falar sobre assuntos que geralmente não se fala no seu cotidiano.

Conforme explanado no decorrer deste trabalho, observou-se que, apesar da frequência ter apresentado-se de forma irregular em cada um dos encontros deste grupo, a riqueza observada nos debates possibilitou apontar que esse espaço de escuta, fala e acolhimento se faz necessário e que poderá sem dúvida ser proposto de forma continuada neste equipamento da política pública de assistência social. Vale dizer que, em todos os encontros os usuários-participantes, mesmo não conhecendo os demais integrantes, seja por estar participando pela primeira vez, seja porque o outro estava pela primeira vez, não deixaram de falar de si, trazer suas histórias e falar do contexto social, principalmente aqueles que se encontravam impossibilitados de trabalhar devido questões de saúde.



Por fim, outro momento marcante e significativo para o grupo foi quando um dos participantes trabalhou durante a madrugada toda e ainda assim se fez presente no encontro, isso ressalta e vale destaque, já que ele estava nitidamente exausto porém fez questão de não faltar, conseguiu ficar por um breve período, tomou café da manhã e foi para a sua casa descansar. A postura do usuário-participante nos ajudou a entender a importância que aquele espaço tomou na vida deste homem, e o seu compromisso com os demais participantes e conosco enquanto mediadores do grupo, uma atitude respeitável e que gera e demonstra grande potência e assegura a relevância do trabalho.

4. CONCLUSÕES

Abordar os diversos temas que atravessam a constituição das masculinidades para homens em nossa sociedade, bem como valorizar a presença desses homens nos atendimentos ofertados pelo CRAS em uma das regiões de maior vulnerabilidade social do município de Londrina, tornou-se uma oportunidade prática para refletirmos sobre as nossas próprias experiências (acertos e erros), enquanto serviço público (PAIF), que historicamente se constituiu como um espaço destinado apenas às mulheres. Vale dizer que, ao apostar neste trabalho com grupos de homens com foco no enfrentamento às violências de gênero, estamos fortalecendo as redes de proteção às mulheres e familiares por meio de uma perspectiva de prevenção e promoção de uma cultura não violenta. Dito de outro forma, estamos também contribuindo para evitar novas situações de violência, violações de direitos e desproteções vivenciadas tanto por mulheres, quanto pelos próprios homens, como no caso das situações nas quais a única alternativa encontra-se nos processos de institucionalização forçados, ou até mesmo nas vivências de rua.

Retomando essa pauta da invisibilidade dos homens e do masculino na Política Pública de Assistência Social, Barbosa (2013) aponta o fato de que tal processo não tem sido questionado pelos profissionais que atuam na Proteção Social Básica. Sendo assim, entendemos como necessário e urgente a construção e manutenção deste olhar em que fomentamos na prática a construção de um lugar, onde todos os sujeitos em situação de desproteção e/ou violação de direitos tenham garantidas as suas seguranças de acolhida (acesso aos direitos), seguranças do convívio familiar e comunitário, acesso à renda e oportunidades de um trabalho digno, bem como as seguranças ao desenvolvimento da autonomia e a sobrevivência aos riscos circunstanciais.

Para finalizar, a Política Pública de Assistência Social (BRASIL, 2004) na proteção social básica visa à prevenção das situações de risco e/ou vulnerabilidade social, enfatizando em seus princípios, diretrizes e práticas de trabalho, o fortalecimento dos



vínculos familiares e comunitários, bem como o desenvolvimento das potencialidades dos cidadãos / usuários. Acreditamos que ações como esta, a partir do trabalho com grupos de homens no CRAS sul A, devem ser consideradas como uma atividade relevante dentre as ações promovidas e executadas pelas equipes multiprofissionais nos outros CRAS da cidade, quiçá em outras localidades do estado do Paraná e do Brasil.

REFERÊNCIAS

AFONSO, Maria Lucia Miranda; ABADE, Flávia Lemos. **Para reinventar as rodas**. Belo Horizonte: Rede de Cidadania Mateus Afonso Medeiros (RECIMAM), 2008.

AFONSO, Maria Lucia Miranda; FADUL, Fabiana Meijon. **O trabalho com grupos no PAIF: um diálogo interdisciplinar com a Oficina de Intervenção Psicossocial**. Revista Pesquisas e Práticas Psicossociais, 2015.

ALVES, Álvaro Marcel. **O método materialista histórico-dialético: alguns apontamentos sobre a subjetividade**. Revista de Psicologia da UNESP, n. 1, 2010.

BARBOSA, Daguiomar de Oliveira. **Masculinidades, gênero e pobreza: o lugar dos homens e do masculino na proteção social básica de Niterói-RJ**. 2012.

BRASIL. **Política Nacional de Assistência Social – PNAS/2004**; Norma Operacional Básica – NOB/Suas. Brasília: Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome – Secretaria Nacional de Assistência Social, 2005.

BRASIL. **Orientações Técnicas sobre o PAIF - Trabalho Social com Famílias do Serviço de Proteção e Atendimento Integral à Família – PAIF**. Brasília: MDS, 2012. v. 2.

DA SILVA, Luís Eduardo Andrade; DE JESUS, Rita de Cássia Nascimento. **O papel do/a assistente social na (re) construção das masculinidades para o enfrentamento da violência contra a mulher**. UNI JORGE, 12p. 2020.

DAVID, Ricardo Santos. **Ideologia e Dialogismo: Mikhail Bakhtin, História e Conceitos que Cabem na Sala de Aula**. Revista Letra Magna, [S. l.], v. 13, n. 21, 2017.

FADUL, Fabiana Meijon; AFONSO, Maria Lucia Miranda. **Os sentidos da participação, cidadania e territórios: um diálogo com as metodologias participativas no PAIF**. PSI UNISC, Santa Cruz do Sul, Vol. 2, n. 1, jan./jun. 2018..

LENIN, Vladimir. **As três fontes e as três partes constitutivas do marxismo**. São Paulo: Global Editora, 6ª ed., 1988, p.78.

MARCONDES, Nilsen Aparecida Vieira; DE MELO TOLEDO, Maria Fátima. **Materialismo Histórico e Método de Pesquisa: Uma Proposta de Revisão de Literatura**. Revista de Ensino, Educação e Ciências Humanas, v. 13, n. 2, 2012.

SIQUEIRA, Sandra Maria Marinho; PEREIRA, Francisco. **O Materialismo Histórico**. LeMarx, Salvador, 2019.